
Semioses, códigos culturais e mídias: uma cartografia do Movimento Tapajós Vivo¹

Nilton Faria de Carvalho²
Universidade de São Paulo – USP

Resumo

Este trabalho analisa dados empíricos coletados em pesquisa participante no Movimento Tapajós Vivo, do Pará, que lida com questões ambientais em Santarém. Trata-se de um caminho cartográfico, com base nas teorias da diferença de Deleuze e Guattari (2000), no qual identificamos virtualidades, linhas de fuga e conexões emergentes de uma semana formativa, organizada pelo coletivo. Pela Semiótica da Cultura, compreendemos a produção de códigos culturais articulados num espaço comunicacional heterogêneo, que sustentam as expressões midiáticas do Movimento Tapajós Vivo. Ao final, defendemos que esse processo formativo é gerador de apropriações diferenciais de linguagens midiáticas, capazes de construir paisagens comunicacionais mais plurais.

Palavra-chave: cartografia; coletivos; semioses; cultura midiática; ativismos.

Introdução

O Movimento Tapajós Vivo (MTV) nasce de um enfrentamento à construção de hidrelétricas na bacia do Rio Tapajós, em Santarém (PA). Ao observar as expressões midiáticas do coletivo nas redes digitais, notamos modos de apropriação das tecnologias sustentados por ativismos que são parte do contexto cultural do MTV. Nossa hipótese é que os *processos formativos* do coletivo são decisivos em suas expressões midiáticas. Partimos, assim, da seguinte questão: *qual o papel do MTV nas significações midiáticas acerca da Bacia do Tapajós?*

Método e base teórica-conceitual

Em fevereiro de 2025, acompanhamos o Curso de Defensores e Defensoras das Águas da Bacia do Rio Tapajós, organizado pelo MTV, com pessoas/jovens de diferentes comunidades da região. A pesquisa participante acompanhou oficinas, debates, mutirões, refeições e momentos de lazer. Como método, a cartografia está posicionada nas *teorias da diferença* de Deleuze e Guattari (2000), da qual extraímos os eixos de análise do material empírico – virtualidades, linhas de fuga e conexões. Assim, cartografar não é representar uma territorialidade em mapas, mas *acompanhar*

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Pós-doutorando no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: niltonfar.carvalho@gmail.com.

processos heterogêneos e paisagens emergentes (BARROS; KASTRUP, 2009; ROLNIK, 1989). Trata-se de uma coleta de dados experimental, construída no âmbito empírico, “uma atitude a ser assumida” (ROSÁRIO; CORUJA; SEGABINAZZI, 2021, p. 71) para traçar um conhecimento emergente.

Em outra frente, a Semiótica da Cultura de Iuri Lotman (1996) nos ajuda a compreender o contexto cultural do coletivo como espaço comunicacional dinâmico, diverso e de alta complexidade – tal como a *semiosfera*. Por se tratar de um fenômeno heterogêneo, nos atentamos aos códigos culturais produzidos nas atividades, que são decisivos para a organização de sistemas semióticos (MACHADO, 2003) que irão sustentar as significações midiáticas do grupo.

Principais resultados

Acompanhamos um momento intitulado “Tempo-comunidade”, no qual os alunos deveriam gravar vídeos em suas comunidades sobre as mudanças climáticas. As gravações, em sua maioria, exibiam a fala dos mais velhos (muitos caciques de comunidades da região). No debate dos vídeos, a memória dos mais velhos como testemunho de precariedade era o ponto de partida de virtualidades – o que fazer no por vir. O ato de tomar a palavra refletia sobre ativismos possíveis e jovens de diferentes comunidades estabeleciam conexões a partir de questões comuns. As discussões demonstravam certo receio, com momentos de deboche, em relação a instituições que deveriam zelar pelo meio ambiente. As linhas de fuga, portanto, demandavam a urgência de mobilizações que partissem das comunidades do entorno do rio Tapajós.

Norah Costa, formada em anos anteriores, publicou um vídeo-poema³ crítico à COP 29 (Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas), em 2024, na página do coletivo no Instagram. A linguagem poética, em meio às imagens do Tapajós, questiona o encontro das Nações Unidas e sua incapacidade de frear o avanço do cultivo de soja, a exploração de petróleo e o interesse de corporações. Trata-se de uma resposta midiática portadora de um código cultural caro ao coletivo: *questionar a irresponsabilidade das instituições* em relação ao meio ambiente – uma vez que as apropriações das mídias são atravessadas por mediações situadas nos *entremeios de tradições e tecnologias emergentes* (MARTÍN-BARBERO, 2022).

³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DC2HXgcvMSC/>>. Acesso em 21 jan. 2025.

Conclusão

O texto discutiu dados empíricos coletados em pesquisa participante no Movimento Tapajós Vivo. A cartografia como traçado de paisagens comunicacionais emergentes possibilita a identificação de conteúdos midiáticos alternativos, nas periferias das redes, cuja dinâmica cultural difere das modalidades mais recorrentes na cultura midiática – idealizadas pelas *big techs*. Cartografar ativismos de coletivos como o MTV mostra que existem outros processos formativos e de letramento midiático, cujas diferenciações produzem contextos mais plurais e inclusivos nas mídias.

Referências

- BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílíana (orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo, Editora 34, 2000.
- LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I**. Semiótica da cultura y del texto. Madri: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de Valencia, 1996.
- MACHADO, Irene de Araújo. **Escola de Semiótica** – a experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial/Fapesp, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Jovens entre o palimpsesto e o hipertexto**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.
- ROLNIK, Suely: **Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.
- ROSÁRIO, Nísia; CORUJA, Paula; SEGABINAZZI, Tiago. Um panorama da cartografia no Brasil: uma investigação a partir das teses e dissertações da Comunicação entre 2010 e 2017. **Revista Intercom**, v. 44, n. 2: p. 69-88, 2021.